

**1919**

## NOTICIÁRIO XX

*A infantariia, a infantariia,  
Com terra atrás das orelbas...*

### EXÉRCITOS CONFRONTAM-SE EM VERDUN NA MAIOR BATALHA DO GLOBO

150 000 HOMENS E MULHERES DESFILAM

mas levanta-se outra e muito importante questão. A Bolsa de Nova Iorque é hoje o único mercado de títulos livre em todo o mundo. Se mantiver tal posição não deixará porventura de se tornar o maior centro a nível mundial para a transacção de

### ESQUADRA BRITÂNICA ENVIADA PARA TOMAR CORNO DE OURO

*Cavalariia artilbariia  
E a porra da engenbariia  
Não vencem nunca a infantariia  
Nem em mil anos e um diia*

### TURCOS EM FUGA À FRENTE DOS TOMMIES EM GALLIPOLI

quando regressarem, o que irão pensar os nossos veteranos de guerra do americano que arrazoa sobre uma indefinida ordem

nova enquanto se diverte à beira-mar? Aos que sobreviveram ao espectáculo, a sua tibia tolíce há-de lembrar-lhes a nova e vasta Terra de Ninguém da Europa a tresandar a matança e à volúpia da rapina, a consumir-se nas chamas da revolução

## EMPREGADOS DE MESA EM GREVE PEDEM AJUDA A MULHERES

*Ai o carvalho e o freixo e o salgueiro em companhia  
E verde verdeja a erva nesta pátria ameriquiia.*

congruente com uma posição desse tipo será trazer do estrangeiro grandes quantidades de dinheiro com o intuito de preservar as nossas balanças

*Quando penso na bandeira que os nossos navios transportam —  
sem outra pincelada de cor, sem mais nada que se mova como habitado por  
um espírito imutável — na sua sólida estrutura, julgo ver faixas de  
pergaminho nas quais se acham inscritos os direitos da liberdade e justiça,  
alternadas com faixas do sangue derramado a lutar por tais direitos, e logo,  
ao canto, a profecia do sereno e extenso azul para onde poderá vogar qualquer  
nação que defenda os mesmos bens.*

*Vamos prender a bandeira bem no alto desta estaca  
E alistar-nos outra vez no o-do c-da vaca*

*Joe Williams*

Joe Williams vestiu o fato em segunda mão e deitou fora o uniforme, embrulhado numa pedra da calçada, do extremo do cais para dentro da água lamacenta da doca. Era meio-dia. Não havia ninguém por perto. Custou-lhe descobrir que não tinha a charuteira consigo. De volta à barraca foi encontrá-la onde a tinha deixado. Era uma charuteira que um dia contivera uns *Flor de Mayo* comprados em Guantánamo quando estava bêbado. Lá dentro por baixo

da fita de papel dourado tinha a fotografia de Janey no dia da entrega dos diplomas do liceu, um instantâneo de Alec com a sua mota, uma fotografia assinada pelo treinador e por todos os jogadores da equipa de juniores do liceu de que ele fora capitão todos com o equipamento de basebol, um velho instantâneo em tons rosa e quase sumido do rebocador do pai, o *Mary B. Sullivan*, tirado ao largo dos Virgínia Capes com um navio completamente aparelhado a reboque, uma fotografia tamanho postal de uma rapariga despida que se chamava Antoinette e com quem ele tinha estado em Villefranche, umas lâminas da barba, uma fotografia tamanho postal de si mesmo com outros dois tipos, todos com farda branca de marujo, tirada em Málaga com um arco mourisco ao fundo, uns quantos selos estrangeiros, um maço de *Merry Widows*, e dez conchinhas cor-de-rosa e vermelhas que tinha apanhado na praia em Santiago. Com a charuteira metida debaixo do braço, a sentir-se mal vestido nas largas roupas civis, caminhou lentamente até ao farol e ficou a ver a esquadra fumegante descer em formação o rio da Prata. O dia estava carregado de nuvens; os esguios cruzadores não tardaram a esbater-se no seu próprio rasto de fumo.

Joe desviou deles o olhar e deteve-se num cargueiro ferrugento que ia entrando. Adernava pesadamente para bombordo e via-se o casco abaixo da linha de água, verde e viscoso de algas. Trazia à popa pavilhão grego azul e branco e um sombrio pavilhão amarelo de quarentena a meio comprimento da proa.

Um homem que tinha chegado por trás disse-lhe qualquer coisa em espanhol. Era um homem corado vestido de ganga azul e fumava um charuto, mas por alguma razão deixou-o apavorado.

— Não percebo — disse Joe e desapareceu por entre os armazéns nas ruas fronteiras ao cais.

Teve dificuldade em encontrar o poiso de Maria, todas as ruas pareciam iguais. Foi pelo violino mecânico à janela que o reconheceu. Depois de entrar na espelunca abafada e a cheirar a anis ficou muito tempo ao balcão com a mão num copo pegajoso de cerveja a olhar para a rua que via em faixas luminosas através da cortina de contas pendurada no vão da porta. Esperava ver passar a qualquer momento a farda branca e o coldre amarelo de um fuzileiro.

Encostado à parede atrás do balcão um rapaz amarelo de nariz torto olhava o vazio. Quando Joe se decidiu espetou bruscamente

o queixo. O rapaz aproximou-se e inclinou-se sobre o balcão confidencialmente, apoiado numa mão, esfregando o oleado com o pano que tinha na outra. As moscas reunidas nos círculos deixados por copos de cerveja no oleado levantaram voo para se irem juntar à massa que zumbia no tecto.

— Ouve, amigo, diz à Maria que eu a quero ver — disse Joe pelo canto da boca. O rapaz atrás do balcão estendeu dois dedos.

— *Dos pesos* — disse.

— Não, gaita, só quero falar com ela.

Maria fez-lhe sinal da porta dos fundos. Era uma mulher sem cores, de grandes olhos muito afastados em covas quase azuis. Através do vestido cor-de-rosa amarrotado, justo no redondo dos seios, Joe distinguia os círculos de carne enrugada à volta dos mamilos. Sentaram-se a uma mesa na sala das traseiras.

— Traz duas cervejas — berrou Joe pela porta.

— Qué queres, iho de mi alma? — perguntou Maria.

— Conheces o Doc Sidner?

— Claro, conheço todos los yanquis. Qué queres? No vais en el barco gránde?

— No vou en el barco gránde... Porrada com gránde filho de uma cadela, 'tás a ver?

— Ché! — Os seios de Maria tremiam como gelatina quando ela se ria. Pôs uma mão gorda na nuca dele e puxou-lhe a cara para a sua. — Pobrezito... olho negro.

— Sim, pôs-me um olho negro. — Joe libertou-se dela. — Um contramestre. Deixei-o estendido, 'tás a ver... Agora a marinha já não é para mim... Acabou-se. Ouve, o Doc disse que tu conhecias um tipo que falsificava documentos de A.B... de marinheiro, 'tás a ver? Eu agora marinha mercante, Maria.

Joe engoliu a cerveja.

Ela abanava a cabeça e dizia:

— Ché... pobrecito... Ché. — Depois disse em voz chorosa: — Quántos dólares tens?

— Vinte — disse Joe.

— Éle quer cinquénta.

— Atão acho que 'tou bem f-do.

Maria pôs-se atrás da cadeira de Joe e passou-lhe um braço gordo à volta do pescoço, inclinando-se sobre ele em pequeninos cacarejos.

— Espera um pouquinho, vámos pensar... sabes?

Um seio grande a comprimir-lhe o pescoço e o ombro deixava-o desconfortável; não gostava de que ela lhe tocasse assim de manhã quando ainda estava sóbrio. Mas ficou quieto até que ela soltou um guincho de papagaio.

— Paquito... ven acá.

Pelas traseiras entrou um homem sujo em forma de pêra com a cara e o pescoço vermelhos. Falaram em espanhol sobre a cabeça de Joe. Por fim ela afagou-lhe uma bochecha e disse:

— Mui bien, Paquito sabe donde éle vive... quiçá aceita vinte, sabes?

Joe pôs-se de pé. Paquito despiu o avental de cozinheiro cheio de nódoas e acendeu um cigarro.

— Arranjas documentos de A.B.? — disse Joe virando-se para ele. O homem acenou com a cabeça. — Muito bem — Joe deu a Maria um abraço e um pequeno beliscão. — És uma miúda fixe, Maria. — Ela seguiu-os a sorrir até à porta do bar.

Cá fora Joe olhou atentamente para os dois lados da rua. Nem uma farda. Ao fundo rodava negro um guindaste sobre os armazéns de cimento. Apanharam um eléctrico e viajaram muito tempo sem dizer nada. Joe ia de olhos no chão com as mãos a baloiçar entre os joelhos até que Paquito lhe deu um toque. Desceram numa zona suburbana de aspecto barato com casas novas de cimento já sujas. Paquito bateu a uma porta igual a todas as outras e ao fim de um bocado um homem de olhos orlados de vermelho e grandes dentes de cavalo veio abrir. Falou muito tempo em espanhol com Paquito pela porta entreaberta. Joe apoiava-se num pé, depois no outro. Percebia que estavam a calcular quanto podiam sacar-lhe pela maneira como o iam olhando de esguelha enquanto falavam.

Preparava-se para se meter quando o homem lhe falou num sotaque londrino rachado.

— Dá aí cinco pesos ao fulano pela maçada, *mytey*, e nós cá nos entendemos de branco para branco.

Joe largou os trocos que trazia no bolso e Paquito foi-se embora.

Joe entrou atrás do bife para a sala da frente que cheirava a couves e a fritos e a dia de barrela. Lá dentro o homem pôs-lhe a mão no ombro e disse, atingindo-o com o seu hálito rançoso a whisky:

— Então, *mytey*, quant' é que podes pagar?

Joe afastou-se.

— Só tenho vinte dólares americanos — disse entredentes. O bife abanou a cabeça.

— Só quatro libras... bom, também não custa ver o que se pode arranjar, pois não, *mytey*? Passa para cá.

Enquanto o bife olhava para ele, Joe desenfiou o cinto, cortou uns pontos com a lâmina pequena do canivete e tirou duas notas de dez enroladas. Desenrolou-as cuidadosamente e já ia entregá-las quando pensou melhor e as guardou no bolso.

— Vamos lá dar uma olhadela aos documentos — disse com um sorriso.

Os olhos orlados de vermelho ganharam um tom choroso; o bife disse que devíamos ajudar-nos uns aos outros e dar graças quando um homem se arrisca a fazer uma falsificação para ajudar os seus semelhantes. Em seguida perguntou a Joe o nome, idade e naturalidade, há quanto tempo andava no mar e essas coisas, e desapareceu numa divisão interior, trancando cuidadosamente a porta atrás de si.

Joe ficou na sala. Tiquetaqueava algures um relógio. O tiquetaque arrastava-se cada vez mais lento. Por fim ouviu a chave rodar na fechadura e o bife saiu com dois documentos na mão.

— Pensa bem no que eu estou a fazer por ti, *mytey*...

Joe pegou no cartão. Franziu a testa a examiná-lo; pareceu-lhe bem. O outro documento era uma declaração que autorizava a Agência Marítima Titterton a reter o soldo mensal de Joe até perfazer dez libras.

— 'Tão mas oiça lá — disse Joe —, isso dá setenta dólares que eu 'tou a arrotar. — O bife disse pensa no risco que eu estou a correr e em como os tempos iam difíceis e que afinal de contas era pegar ou largar. Joe seguiu-o até à divisão interior juncada de papéis e inclinou-se sobre a mesa e assinou com uma caneta de tinta permanente.

Foram de eléctrico até ao centro e saíram na Rua Rivadavia. Joe foi atrás do bife até um pequeno escritório nas traseiras de um armazém.

— 'Tá 'qui um belo marinheiro para si, Mr. McGregor — disse o bife a um escocês de ar bilioso que andava de cá para lá a roer as unhas.

Joe e McGregor olharam um para o outro.

— Americano?

— Sim.

— Não 'tás à espera de receber em dólares, poi'não?

O bife abeirou-se dele e segredou-lhe qualquer coisa; McGregor olhou para o cartão e pareceu satisfeito.

— Muito bem, assina aqui... por baixo do apelido.

Joe assinou e entregou ao bife os vinte dólares. Ficava liso.

— 'Tão até à vista, *mytey*.

Joe hesitou um segundo antes de apertar a mão ao bife.

— Adeus — disse.

— Vai buscar o teu saco e 'tá cá daqui a uma hora — disse McGregor numa voz áspera.

— Não tenho saco. Tenho 'tado encalhado — disse Joe sentindo o peso à charuteira que trazia na mão.

— Então espera lá fora que eu já te meto no *Argyle*.

Joe ficou algum tempo à porta do armazém a olhar para a rua. Caramba, já tinha visto o suficiente de B.A. Sentou-se num caixote que dizia Tibbett & Tibbett, Louça Esmaltada, Blackpool, à espera de Mr. McGregor, a pensar se ele seria o capitão ou o imediato. Sim, o tempo ia-se arrastar até ele sair de B.A.

### *O Olho da Câmara (28)*

quando veio o telegrama a dizer que ela estava à beira da morte (chiam as rodas dos eléctricos à volta da campânula de vidro como todos os lápis em todas as ardósias de todas as escolas) a volta a pé ao Fresh Pond o cheiro a água parada os rebentos de salgueiro ao vento agreste o guincho das rodas dos eléctricos moendo uma algazarra de eixos frouxos pelos subúrbios de Boston a dor não é uma farda e vai é chocar o Booch e beber vinho ao jantar no Lenox antes de apanhars o *Federal*

*Estou tão farto de violetas*

*Levem-nas todas daqui.*



quando veio o telegrama a dizer que ela estava à beira da morte rachou-se a campânula de vidro num chiar de lápis em ardósia (alguma vez alguma foste capaz de dormir uma semana inteira em Abril?) e Ele foi esperar-me à parda gare coberta ardiam-me os olhos das tintas bronze-escarlata e verde-cromo que escorriam dos montes de Abril em turbilhão os bigodes d'Ele estavam brancos a cansada flacidez das faces de um velho Ela foi-se embora Jack a dor não é uma farda e o na câmara mortuária o odor a cera dos lírios na câmara mortuária (Ele e eu temos de enterrar a farda da dor)

depois o cheiro do rio o Potomac e os seus meandros a brilhar as ondinhas de agitada prata em Indian Head no cemitério riam tordos e as bermas fumegavam de primavera Abril de sobra para chocar o mundo

quando veio o cabograma a dizer que Ele estava morto caminhei pelas ruas cheias da Madrid das cinco a fervilhar de crepúsculo em cubos despedaçados de aguardiente vinho-tinto verde-gás-dos-candeeiros rosa-ocaso ocre-telha olhos lábios rubras faces pardo pilar da garganta apanhei o comboio da noite na estação do Norte sem saber porquê

*Estou tão farto de violetas  
Levem-nas todas daqui.*

a estilhaçada iridescente campânula de vidro os bustos cuidadosamente copiados os pormenores arquitectónicos a gramática de estilos

foi o fim desse livro e deixei os poetas de Oxford no quartinho barulhento que cheirava a azeite rançoso na Pensión Boston Agora Agora Maintenant Vita Nuova mas nós que tínhamos ouvido a bela voz de leitura de Copey e lido os livros lindamente encadernados e inspirado fundo (inspira fundo um dois três quatro) a fragrância dos lírios de cera e da violeta branca artificial debaixo do cone de éter e nos sentámos a tomar o pequeno-almoço na biblioteca onde o busto estava de Octávio agora estávamos mortos no posto do telégrafo

no banco de madeira bate-e-ruge do comboio a ribombar através da meia-noite subir da coberta de terceira ao convés para apanhar ar do Atlântico a bordo do vapor asfixiado (a rapariga suíça de rosto oval e o marido eram meus amigos) ela tinha os olhos levemente salientes e uns modos um tanto abruptos de dizer *Zut alors* e nos atirar um pequeno sorriso um peixe ao leão-marinho que aquecia as nossas trevas quando o funcionário da imigração veio pedir o passaporte não pôde mandá-la para Ellis Island la grippe espagnole estava morta

lavar aquelas janelas

K.P.

limpar as velas da ignição com um canivete

A.W.O.L.

moer em pó as rosas American Beauty na cama daquela prostituta (a noite enevoada ardia em proclamações da Liga dos Direitos do Homem) o cheiro amendoado dos potentes explosivos que cravavam de estilhaços sibilantes a grandiloquência adocicada e vomitiva dos mortos a apodrecer

amanhã esperei que fosse o primeiro dia do primeiro mês do primeiro ano

### *Estroina*

Jack Reed

era filho de um agente federal, cidadão insigne de Portland, no Oregon.

Era um rapaz promissor

por isso os pais mandaram-no para o Leste para a escola e para Harvard.

Harvard era garantia de um «a» longo e daqueles contactos tão úteis na vida futura e de boa prosa inglesa... se o porco-espinho não fica bem-educado em Harvard o porco-espinho não fica

em lado nenhum e os Lowell só falam com os Cabot e os Cabot e o *Oxford Book of Verse*.

Reed era um jovem promissor, não era judeu nem socialista nem vinha de Roxbury; era bicho voraz tinha fome de tudo: um homem tem de gostar de muitas coisas na vida.

Reed era um homem; gostava de homens gostava de mulheres gostava de comer e de escrever e de noites enevoadas e de beber e de noites enevoadas e natação e futebol e poesia rimada e de ser chefe de claque orador oficial da Ivy League frequentar clubes (não os melhores dos melhores, para os melhores dos melhores o seu sangue não era azul bastante)

e da voz de Copey a ler *The Man Who Would Be King*, o *Urn-burial* de moribunda cadência, da boa prosa inglesa dos candeeiros a acenderem-se do outro lado do Átrio, sob os olmos ao anoitecer das vozes baixas nos anfiteatros,

do fim do Outono dos olmos do Discóbolo dos tijolos dos velhos edifícios e dos portões comemorativos e dos meninos de bem e dos decanos e dos tutores clamando todos em fina voz abstende-vos,

abstende-vos; enferrujados rangiam os maquinismos, tremiam os decanos sob os seus barretes, chegou o Dia dos Finalistas, e Reed saiu para o mundo:

Washington Square!

Convencional revela-se um insulto;

Villon à procura de tecto para pernoitar nas casas pobres dos italianos de Sullivan Street, Bleecker, Carmine;

revelam as pesquisas que R.L.S. era um belo garanhão, e quanto aos Isabelinos

o raio que os parta.

Embarca num navio de gado e vê o mundo vive aventuras vais ter histórias com piada para contar todas as noites; um homem tem de amar... o pulso acelerado a sensação de que hoje em serões enevoados passos táxis olhos de mulheres... muitas coisas na vida.

A Europa com uma pitada de rábano bravo, Paris de um trago como uma ostra;

mas há mais para além do *Oxford Book of English Verse*. Linc Steffens falou da comunidade cooperativa.

da revolução em voz tão doce como a de Copey, Diógenes Steffens com Marx por lamparina palmilhando o Ocidente à procura de um homem bom, Sócrates Steffens perguntando sem cessar porque não a revolução?

Jack Reed queria viver num barril e escrever poemas;  
mas não parava de se cruzar com vagabundos trabalhadores tipos rudes de quem gostava mas desvalidos desempregados porque não a revolução?

Não conseguia concentrar-se no seu trabalho com tanta gente desvalida;

na escola não tinha aprendido a Declaração de Independência de cor? Reed era do Oeste e as palavras queriam dizer o que diziam; quando ele dizia qualquer coisa a um colega no bar do Harvard Club, queria dizer o que dizia das plantas dos pés às ondas do cabelo alteroso (não era azul bastante o seu sangue para o Harvard Club nem para o Dutch Treat Club nem para a respeitável Boémia independente de Nova Iorque).

A vida, a liberdade, e a busca da felicidade;  
disso pouco havia pelas fiações de seda quando  
em 1913

foi a Paterson escrever sobre a greve, os operários têxteis em desfile espancados pela polícia, os grevistas na prisão; quando deu por si era também um grevista em desfile espancado pela polícia na prisão;  
não deixou que o director do jornal lhe pagasse a fiança, aprendia mais com os grevistas na prisão.

Aprendeu o bastante para levar à cena o cortejo da Greve de Paterson em Madison Square Garden.

Aprendeu a esperança numa sociedade nova em que ninguém ficasse desvalido,  
porque não a revolução?

A *Metropolitan Magazine* enviou-o ao México  
para escrever sobre Pancho Villa.

Pancho Villa ensinou-o a escrever e as montanhas esqueléticas e os altos cactos e os comboios blindados e as bandas a tocarem nas pequenas praças cheias de moças morenas com lenços azuis

e a poeira ensanguentada e o estoimar dos tiros  
na noite enorme do deserto, e os peóns de pele tisonada e voz  
tranquila a morrer a passar fome a matar pela liberdade  
pela terra pela água pelas escolas.  
O México ensinou-o a escrever.

Reed era do Oeste e as palavras queriam dizer o que diziam.

A guerra foi uma rajada de vento que apagou todas as lampa-  
rinhas de Diógenes;

os homens bons começaram a juntar-se para exigir metralha-  
doras. Jack Reed foi o último representante da grande cepa de cor-  
respondentes de guerra que fugiam à censura e arriscavam a pele  
por uma notícia.

Jack Reed foi o melhor jornalista americano do seu tempo, se  
alguém quisesse saber da guerra podia ler os seus artigos  
sobre a frente alemã,  
a retirada sérvia,  
Salonica;  
atrás das linhas no império titubeante do czar,  
fintas à polícia secreta,  
prisão em Cholm.

Os oficiais de alta patente não o deixaram ir para França porque  
diziam que uma noite nas trincheiras alemãs na brincadeira com  
uma secção de artilharia boche tinha puxado o fio de um canhão  
huno apontado ao coração da França... coisas de estroina mas afinal  
de contas que importância tinha quem disparava os canhões ou para  
onde os apontavam? Reed estava com os rapazes que andavam a ser  
feitos em pedaços,

com os alemães os franceses os russos os búlgaros os sete peque-  
nos alfaiates do gueto de Salonica,  
e em 1917  
esteve com os soldados e os camponeses  
em Petrogrado em Outubro:  
Smolny,  
*Dez Dias Que Abalaram o Mundo;*

adeus Villa México pitoresco, adeus coisas de estroina de  
 Harvard Club, planos para teatros gregos, poesia rimada, boas  
 histórias de um antigo correspondente de guerra,  
 aquilo já não tinha piada  
 aquilo era sinistro.

Delegado,  
 acusações de volta aos States, o julgamento do *The Masses*, o  
 julgamento dos *wobblies*, Wilson a encher as prisões,  
 passaportes falsificados, discursos, documentos secretos, furar  
 o cordão sanitário debaixo de um vagão, escondido em carvoeiras  
 de navios;  
 prisão na Finlândia roubados os seus documentos todos,  
 agora adeus à escrita de poesia, à cavaqueira calorosa com o pri-  
 meiro desconhecido, ao rapazinho universitário de belo sorriso que  
 se safava sempre a dar conversa ao juiz;  
 no Harvard Club foram todos para os serviços secretos tornar  
 o mundo seguro para a combinação de bancos Morgan-Baker-  
 -Stillman;  
 o velhote vagabundo que beberica o café de uma lata de tomate  
 é um espião do Estado-Maior.

O mundo já não tem piada,  
 só metralha e fogo posto  
 fome piolhos percevejos cólera tifo  
 nem linho para ligaduras nem clorofórmio nem éter milhares  
 de mortos de ferimentos gangrenados cordão sanitário e espiões em  
 toda a parte.  
 As janelas de Smolny fulguram incandescentes como um alto-  
 -forno,  
 em Smolny não se dorme,  
 Smolny a fábrica gigantesca a laborar vinte e quatro horas por  
 dia a produzir homens nações esperanças milénios impulsos medos,  
 matéria-prima  
 para as fundações  
 de uma sociedade nova.

Um homem tem de fazer muitas coisas na vida.

Reed era do Oeste as palavras queriam dizer o que diziam.  
Deitou tudo o que tinha e deitou-se a si mesmo para dentro  
de Smolny,  
ditadura do proletariado;  
URSS  
A primeira república dos trabalhadores  
foi criada e está de pé.  
Reed escreveu; desempenhou missões (eram espões em toda a  
parte), trabalhou até cair para o lado,  
apanhou tifo e morreu em Moscovo.